



## ***A Estrela Envergonhada***

Era uma vez uma pequena estrela que vivia numa das muitas constelações que vemos da Terra.

Podia contar com os dedos de uma mão os anos-luz que tinha e por isso ainda não crescera o suficiente para brilhar com a mesma intensidade que as outras. Provavelmente por ser a mais nova de todas as estrelas da galáxia, era muito envergonhada. Sentia-se tão pouco à vontade diante dos milhares de corpos cintilantes, que não chegava a resplandecer e, às vezes, quando a mãe lhe pedia para tentar, fazia um grande esforço, mas a única coisa que conseguia era corar.

Passava tão despercebida, sempre colada às saias da mãe, que ninguém se lembrava dela e esqueciam-se de a convidar quando combinavam passeios ou brincadeiras.

Aproximava-se a data do aniversário da Lua e os planetas decidiram organizar um baile de gala. Nem todos os anos a Lua fazia tantos milhões de anos e tinham de festejá-los com uma festa digna de tamanho acontecimento.

As costureiras celestes voltaram a pegar nas tesouras, nas agulhas e nos fios de prata para poderem coser os vestidos que as estrelas levariam no dia do baile. Tiveram de ir buscar às arcas do céu as caixas de pó de estrelas e os frascos de brilhantes para enfeitarem os tecidos. Trabalhavam desde o pôr-do-sol até ao amanhecer e dormiam durante o dia, que é quando dormem a Lua e as estrelas.

A estrela envergonhada via-as trabalhar seguindo os movimentos precisos das costureiras, até àquela noite em que a mãe a surpreendeu a olhar para os vestidos.

— Também queres ir ao baile? — perguntou-lhe.

A estrelinha envergonhada disse primeiro que não mas, ante a insistência da mãe, acabou por reconhecer que adoraria ir, se a tivessem convidado.

— Não é preciso convite, é uma festa universal. Todos os astros e estrelas vão.

E assim começaram as duas a cortar, coser e bordar o vestido para a grande noite.

Poucos dias antes da festa, apareceram os ventos para ensaiarem os sopros. Eles formariam a orquestra e tinham de ajustar as vozes para tocarem as valsas sem desafinar. Os ventos ciclónicos ficariam atrás de tudo para não fazerem voar nem os enfeites nem as

decorações, e os ventos do Norte logo à frente deles para que o frio não chegasse até à pista de dança e não constipasse ninguém. Os ventos quentes e as brisas ocupariam as primeiras filas, não só por terem a voz mais agradável, como também por serem mais bonitos de se ver.

As estrelas mais velhas, aquelas que sofriam de reumático ou que simplesmente não tinham jeito para acompanhar a música, e também as que ficavam com a cabeça à roda logo que davam três voltas, tinham a missão de iluminar o céu como se fossem candelabros. Os aprendizes de vento, que ainda não tinham força para soprar como os adultos, ficaram encarregados de virar as páginas das partituras de música. Nem todos podiam ajudar nesta tarefa; era preciso dominar o solfejo e também tinha de se ter muito cuidado para não romper as folhas pautadas, que se desfaziam ao mais pequeno movimento brusco, de tão velhas e usadas.

Uma semana antes da festa, estenderam-se as toalhas de linho por cima da Via Láctea e as nuvens confeccionaram algodões de açúcar, suspiros e farófias para todos os convidados. Com água da chuva, que é a mais pura, encheram-se as jarras prateadas e nada mais foi feito, porque os astros são frugais como estrelas de cinema. Também prepararam, com o que encontraram no céu, um trono bem alto e muito acolchoado para que a Lua não perdesse nem um minuto do baile, sem que fosse obrigada a ficar horas em pé.

Com tantos preparativos, quase sem ninguém dar por isso, chegou a noite do grande dia. Enquanto as estrelas, já vestidas, se pavoneavam diante da orquestra à espera de que chegasse a Lua, a estrelinha envergonhada ainda cosia os últimos brilhantes. Estava tão nervosa que alguns ficavam tortos e tinha de descosê-los e voltar a fazer tudo de novo. Mesmo assim, conseguiu estar pronta um minuto antes de anunciarem a entrada da rainha da festa. O entusiasmo era enorme e, depois de cantarem os parabéns, a Lua fez sinal ao mestre-de-cerimónias de que podia começar o baile.

A estrelinha, a princípio tímida, ficou num canto da pista a ver dançar as outras, com a desculpa de que nunca tinha dançado e não sabia sequer os passos para poder começar. Tão absorta estava, que não deu pelos seus pés a mexerem ao ritmo das valsas, primeiro lentamente e depois com tanto entusiasmo que, sem querer, foi arrastada pelas outras estrelas que numa rodaviva passaram perto dela juntando-a à confusão. Levada pela música e pelo redemoinho das outras, começou a dançar ao mesmo ritmo que o resto das estrelas. A noite estava tão bonita com os candeieiros a iluminarem a festa, e a orquestra tocava umas músicas tão contagiantes, que a pista de baile se foi alargando e, após uma hora, as bailarinas tinham tomado conta de metade do céu.

A Lua, emocionada, via todos os astros renderem-lhe homenagem com muita alegria. Os vestidos brilhavam e, ao som do sopro dos ventos, as estrelas deslizavam pelo firmamento ao ritmo das valsas, que se tornavam cada vez mais rápidas. Cá em baixo, na Terra, muitas pessoas que olharam para o céu viram tantas luzes a percorrê-lo, que pensaram tratar-se de uma chuva de estrelas que tinha apanhado os astrónomos desprevenidos.